

## A nova Guerra Fria e a ascensão da China no Médio Oriente

*No centro da nova Guerra Fria não está a rivalidade EUA-Rússia que é globalmente secundária, embora importante para a Europa pela geografia. No centro está a rivalidade EUA-China.*

**José Pedro Teixeira Fernandes | Público | 19 de março de 2023**

1. Parece cada vez mais evidente que está a emergir uma nova Guerra Fria. Todavia, esta Guerra Fria não é a mesma que opôs os EUA à União Soviética até à queda do Muro de Berlim em 1989. Vivemos num mundo profundamente alterado pela globalização dos últimos 30 anos. Há hoje um grau de interdependência e complexidade muito mais elevado do que existia no passado. A enorme interdependência económico-financeira-tecnológica EUA-China não tem comparação com a quase inexistente interdependência EUA-União Soviética. No mundo do passado, onde existia uma intensa competição ideológica entre capitalismo e comunismo, a lógica da separação económica e política entre blocos era praticamente total. Mas esse passado é hoje praticamente irrelevante.

A China segue a sua própria versão de capitalismo autoritário e é um interveniente maior da economia capitalista global. O que existe hoje é uma competição entre democracia liberal e diferentes formas de autoritarismo e múltiplos iliberalismos. No centro da nova Guerra Fria não está a rivalidade EUA-Rússia que é globalmente secundária, embora importante para a Europa pela geografia. No centro, está a rivalidade EUA-China. Leva a uma complexa e multifacetada luta pela supremacia global, ao longo das áreas económica, comercial, financeira, tecnológica, política e militar. O Médio Oriente é um dos terrenos dessa luta. A China está aí em clara ascensão, pelas razões que explicarei em seguida.

2. Na Guerra Fria do passado o Médio Oriente — e a Arábia Saudita em particular — foram componentes maiores da estratégia geopolítica e geo-económica norte-americanas. Para além da narrativa do mundo livre contra o comunismo, usual no confronto ideológico com a União Soviética, o que estava em causa era garantir o abastecimento energético de petróleo. A partir dos anos 1970, com Richard Nixon, tratava-se também de assegurar a continuidade da supremacia do dólar após o fim da sua convertibilidade em ouro, que datava dos Acordos de Bretton Woods (1944).

As raízes dessa estratégia estão no final da Segunda Guerra Mundial, quando o Presidente dos EUA, Franklin Roosevelt, se encontrou com o rei da Arábia Saudita, Abdul Aziz ibn Saud, em inícios de 1945, no Suez, num navio da Marinha de Guerra norte-americana. Como notado, essa aliança teve — e tem, apesar das transformações ocorridas — uma dupla importância para os EUA em dois factores cruciais de poder: o abastecimento energético de petróleo e a supremacia financeira do dólar. Se o primeiro

é bem conhecido, o segundo é relativamente mal percebido e bastante subestimado nas suas implicações sobre o poder global dos norte-americanos e Ocidente.

**3.** A crescente influência chinesa no Médio Oriente tem implicações no poder global. Não se trata apenas de a China substituir os EUA na obtenção da energia necessária para uma grande economia e potência mundial. É também a possibilidade de erodir gradualmente um dos mais factores de poder global dos EUA — o financeiro —, tal com o este se constituiu desde os anos 1970 ligado às enormes receitas acumuladas pelos países produtores de petróleo. É necessário lembrar que foi a ligação do dólar com o comércio do petróleo — a principal *commodity* mundial — que permitiu a continuidade da sua supremacia nas reservas monetárias e transacções comerciais mundiais.

As vantagens para o poder global dos EUA são imensas. Aos norte-americanos basta imprimir dólares pela Reserva Federal, tanto para importar petróleo da Arábia Saudita e de outros produtores da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) — algo de que hoje nem necessitam muito, devido ao sucesso do *shale oil* e das técnicas de extracção como o *fracking* —, como para importar bens e serviços da generalidade do resto do mundo (ou fornecer apoio militar em larga escala, como na Ucrânia), que pagam com a sua moeda. Foi também devido a isto que se transformaram de uma superpotência de produção industrial com enormes superávites com o resto do mundo (no imediato pós-Segunda Guerra Mundial) numa superpotência de consumo com défices comerciais crónicos e que atingiram um máximo inédito em 2022.

**4.** Voltando ao passado da Guerra Fria EUA-União Soviética, no caso do Médio Oriente este também se dividiu, grosso modo, em dois campos político-ideológicos. A Síria, o Iraque, o Iémen do Sul e o Egipto (até aos Acordos de Camp David de 1978) estavam do lado soviético. O resto do Médio Oriente, com as excepções do Líbano — fracturado por uma guerra civil entre 1975-1990 — e do Irão (que se tornou antiamericano a partir da revolução islâmica de 1978-1979), estava próximo dos EUA.

Após o colapso da União Soviética em 1991, os norte-americanos ficaram como a única grande potência global com influência nessa zona do mundo. Mas hoje a realidade é outra e essa divisão mais antiga não é a da actual Guerra Fria. No Médio Oriente, os EUA estão a perder influência, em parte por opção própria — deslocação de interesses estratégicos para o Indo-Pacífico —, em parte pela ascensão da China e pela sua hábil estratégia de poder. Ao longo da última década, a China tornou-se o maior parceiro comercial da Arábia Saudita e de todos os países do Médio Oriente, à excepção de Israel e do Kuwait, afastando os EUA e europeus.

Essa supremacia comercial — que é já um factor de poder — começa agora a sentir-se noutras áreas: a tecnológica, a financeira e a diplomática. Assim, a China está a usar a sua crescente importância para as economias do Médio Oriente para afastar gradualmente os EUA e o dólar. Países como o Iraque passaram a negociar com a divisa chinesa nas exportações de petróleo para esse país. Quanto à Arábia Saudita está também a considerar fazê-lo — e a ser pressionada pela China para o efeito. A favor da China joga ainda o facto de a transição energética, que deverá ser longa na Ásia, levar o

Médio Oriente a depender da China (Índia e outros) para manter elevadas receitas energéticas durante muito tempo.

5. No terreno diplomático, o reatar das relações entre a Arábia Saudita e o Irão sob mediação diplomática chinesa é também uma vitória para a China e um inequívoco sinal da sua crescente influência no Médio Oriente. Não agradou a Israel, nem aos EUA (que perderam protagonismo e influência), pois beneficiavam da divisão entre árabes sunitas e persas xiitas para conter o Irão e o seu programa nuclear. É verdade que em termos de *hard power* (poder militar), a supremacia dos EUA no Médio Oriente continua a ser clara e sem rival à altura.

Todavia, não é por aí que a China prossegue a estratégia de fazer ruir o poder dos EUA. É pelo comércio (em que já tem superioridade), pela tecnologia (em que está a aproximar-se da paridade) e pelo sistema financeiro (em que está em nítida desvantagem, mas vê possibilidade de desgastar os EUA ao reorientar a economia do petróleo para a Ásia e retirar-lhe a supremacia do dólar). Ao mesmo tempo, aposta numa diplomacia que se apresenta como promotora da paz, respeitadora da soberania de todos os Estados do mundo e dos seus diferentes sistemas sociais e políticos — ou seja, não interfere na vida interna de outros Estados — e que faz pontes entre inimigos (será um modelo viável para a Ucrânia?). Claro que isto não agrada aos EUA e Ocidente e aos seus valores democráticos, mas tem receptividade em muitos outros Estados no mundo. Veremos qual a próxima jogada dos norte-americanos e Ocidente para contrariar a ascensão chinesa. Se esta não for eficaz, arriscam-se a ver acelerar a sua perda de influência estrutural em curso.

<https://www.publico.pt/2023/03/19/mundo/analise/nova-guerra-fria-ascensao-china-medio-oriente-2042986>